

CENTRO UNIVERSITÁRIO SAGRADO CORAÇÃO

LUCAS TACONI ANTONIO

**A INTERAÇÃO ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS NAS OBRAS DE JOSÉ DE
ANCHIETA E DEMAIS MISSIONÁRIOS JESUÍTAS DO BRASIL**

BAURU

2021

LUCAS TACONI ANTONIO

A INTERAÇÃO ENTRE LÍNGUAS E CULTURAS NAS OBRAS DE JOSÉ DE ANCHIETA E DEMAIS MISSIONÁRIOS JESUÍTAS DO BRASIL

Projeto de Iniciação Científica apresentado a Área de Exatas, Humanas e Sociais Aplicadas do Centro Universitário Sagrado Coração.

Orientador: Prof.^a Dr. Antonio Walter Ribeiro de Barros Junior

BAURU

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

A635i

Antonio, Lucas Taconi

A interação entre línguas e culturas nas obras de José de Anchieta e demais missionário jesuítas do Brasil / Lucas Taconi Antonio. -- 2021. 34f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Walter de Barros Junior

Monografia (Iniciação Científica em Letras, Português e Inglês) - Centro Universitário Sagrado Coração - UNISAGRADO - Bauru - SP

1. Língua tupi. 2. Brasil colonial. 3. José de Anchieta. 4. Indígenas. 5. Transculturação. I. Barros Junior, Antonio Walter de. II. Título.

Dedico esse trabalho a minha família, que sempre incentivou minha educação, e a todos os professores que colaboraram na minha formação ao longo de minha trajetória educacional, em especial ao Professor Antonio Walter Ribeiro de Barros Junior, cujo apoio e incentivo constante foi essencial para conclusão desse projeto.

AGRADECIMENTOS

É com imensa alegria e sentimento de satisfação que agradeço a toda dedicação e incentivo do meu orientador e professor Antonio Walter Ribeiro de Barros Junior, cujas aulas foram minha inspiração para elaboração desse projeto e que acolheu minhas idéias com muito entusiasmo e seriedade.

À instituição Centro Universitário Sagrado Coração (Unisagrado) e a Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa do Centro Universitário Sagrado Coração, que me oportunizaram o aprendizado através da Iniciação Científica.

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar as obras de José de Anchieta e de alguns missionários da Companhia de Jesus que atuaram em solo brasileiro junto aos indígenas durante o século XVI, discutindo como se deu a interação entre esses povos de culturas tão distintas e analisando, brevemente, esse processo de transculturação dos nativos brasileiros. O maior empenho da pesquisa está em explicar algumas problemáticas linguísticas enfrentadas pelos jesuítas e como os mesmos foram capazes de criar elos de comunicação entre colonizadores e nativos. Para tanto, são analisados trechos de obras literárias e catequéticas de José de Anchieta, levando em consideração a língua e a cultura dos nativos e a dos jesuítas. Foi revisada a bibliografia já produzida nessa área, adotando as pesquisas que são relevantes para apontar determinadas condições históricas desse período, além de certas características culturais dos dois povos envolvidos, aspectos de suas respectivas línguas e as possibilidades de interação entre ambas, refletindo na literatura jesuítica quinhentista. Por fim, esse trabalho pretende sanar dúvidas e equívocos que acometem, não só estudantes, mas muitos brasileiros que se deparam com as narrativas do descobrimento, mostrando como os jesuítas entenderam e manusearam a língua e a cultura tupi para, por meio delas, não somente ensinar o catolicismo e os costumes europeus aos indígenas, mas também possibilitar uma troca de valores culturais e tradições que implementam a ideia de transculturação.

Palavras-chave: Língua tupi, Brasil colonial, José de Anchieta, catequese, indígenas, transculturação.

ABSTRACT

This research seeks to analyze the works of José de Anchieta and some missionaries from the Society of Jesus who worked on Brazil with the indigenous people during the 16th century, discussing how the interaction between these peoples of such different cultures took place and analyzing, briefly, this transculturation process of Brazilian natives. The biggest persistence of the research will be in explaining some problematic linguistic aspects faced for the Jesuits and as the same ones had been capable to create links of communication between colonizers and natives. Therefore, excerpts from literary and catechetical works by José de Anchieta will be analyzed, taking into account the language and culture of the natives and that of the Jesuits. The bibliography already produced in this area will be revised, adopting the research that will be relevant to point definitive historical conditions of this period, beyond certain cultural characteristics of the two involved ethnicities, aspects of its respective languages and the possibilities of interaction between both, reflecting on the Jesuit literature of the sixteenth century. Finally, this work intends to solve doubts and misconceptions that affect not only students, but many Brazilians who are in the light of the narratives of discovery, showing how the Jesuits understood and handled the Tupi language and culture to not only teach the Catholicism and the European customs to the indigenous peoples, but also to make possible an exchange of cultural values and traditions that implement the idea of transculture.

Keywords: Tupi language, colonial Brazil, José de Anchieta, catechesis, indigenous, transculturation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, 1595, de José de Anchieta	11
Figura 2 – Arte de Gramática, página 42	12
Figura 3 – Arte de Gramática, página 43	12
Figura 4 – Cenas de Antropofagia no Brasil – Théodore de Bry (1528 – 1598)	16
Figura 5 – A Fundação de São Paulo – Oscar Pereira da Silva (1865-1939).....	19
Figura 6 – <i>In Extremis</i> parágrafo 1 – José de Anchieta no Brasil	25
Figura 7 – <i>In Extremis</i> parágrafo 1 – José de Anchieta no Brasil	26
Figura 8 – <i>In Extremis</i> parágrafo 3 – José de Anchieta no Brasil	27
Figura 9 – <i>Dança</i> : versos 1 a 12 – José de Anchieta	28
Figura 10 – <i>Dança</i> : versos 13 a 24 – José de Anchieta	29
Figura 11 – <i>Dança</i> : versos 25 a 36 – José de Anchieta	29
Figura 12 – <i>Dança</i> : versos 37 a 40 – José de Anchieta	29

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA	10
2.0 MATERIAIS E MÉTODOS	13
3.0 RESULTADOS	13
3.1. A Companhia de Jesus e seu fundador Inácio de Loyola	14
3.2. Padre Manoel da Nóbrega e o início dos trabalhos catequéticos no Brasil.....	15
3.3. Padre José De Anchieta e seu trabalho de integração cultural	18
4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
4.1. Breve explicação sobre a teoria de Eugene Nida a respeito da Equivalência Dinâmica e sua aplicabilidade para as obras de Anchieta.....	22
4.2. Pequeno apontamento sobre a tradução de Itens Culturais Específicos segundo Aixelá e sua relação com as traduções tupis de Anchieta.	23
4.3. A interação transcultural linguística e literária em <i>In Extremis</i> do “Catecismo Brasílico”.	25
4.4. A interação transcultural linguística e literária no poema <i>Dança</i>	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
4. REFERÊNCIAS	33

1.0 INTRODUÇÃO E REVISÃO DA LITERATURA

Desde os primeiros anos escolares, entramos em contato com narrativas sobre como se deu o início da ocupação portuguesa do Brasil. Neste sentido, há sempre a descrição dos eventos simplesmente como acordos econômicos entre colonizadores e nativos, sendo que um sempre se sobressaiu ao outro. Essa explicação, embora não seja totalmente desprovida de verdade, é insuficiente para explicar todo o processo de transculturação¹ que ocorreu em solo brasileiro, tendo como seus principais responsáveis os missionários jesuítas. Como afirma Alves Filho (2007, p. 9)

Os jesuítas desempenhavam um papel crucial na nova empreitada de estender a civilidade conhecida no Velho Mundo até as Américas. Foi nesse contexto que se deu o trabalho dos eclesiásticos como auxiliar na difusão da supremacia europeia sobre as terras recém-descobertas além do Atlântico.

No entanto, os questionamentos a respeito das dificuldades de contato entre povos tão distintos são ainda pouco discutidos e debatidos nos estudos e meios acadêmicos. É evidente, contudo, que tenham ocorrido problemas na comunicação, pois “cada comunidade linguística ou comunidade linguística-nacional tem à sua disposição uma série de hábitos, julgamentos de valores, sistemas de classificação, entre outros, que são às vezes muito diferentes e às vezes parecidos” (AIXELÁ, 2013, p. 187). Levando em consideração povos que não dispunham de nenhuma herança cultural em comum, dado que se desenvolveram em contextos muito distintos um do outro, tais problemáticas se tornam ainda mais aguçadas.

Foram os missionários jesuítas que, desejosos de converter os povos nativos ao catolicismo, acabaram por contribuir nas tentativas de comunicação da época. Esse era um ideal presente na Companhia de Jesus e que era incentivado pelo seu próprio fundador, Inácio de Loyola (1491-1556):

Ele exigia formação específica para os missionários no caso da língua local e esse era um ponto importante para a realização do trabalho missionário. Como exemplo disso, pode-se citar José de Anchieta com sua gramática escrita em terras brasileiras. Esse fato, na visão dele, deveria ocorrer para um melhor resultado da missão, ou seja, deveria ocorrer a adaptação dos missionários junto aos povos que os recebiam. (FURLAN, 2013, p. 65)

¹Transculturação é um conceito antropológico identificado quando alguém assimila outra cultura. Está ligada à transformação de padrões culturais locais a partir da adoção de novos padrões vindos através das fronteiras culturais em encontros interculturais.

Toda essa discussão possibilita o entendimento de que, em pleno século XVI, este contato inicial marcava o início da gramatização das línguas vernáculas europeias e também das línguas nativas (NAVARRO, 2005). Temos como exemplo a composição da “Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil”² obra que facilitou o trabalho de muitos missionários que se aventuravam em território brasileiro inicial, e que só seria publicada nos últimos anos de vida de Anchieta, mesmo que seus manuscritos já circulassem pelas mãos dos irmãos jesuítas há muitos anos antes da publicação (ASSUNÇÃO, 2005).

Figura 1: Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil, 1595, de José de Anchieta



Fonte: Pinterest

²Obra de caráter gramatical composta pelo Padre José de Anchieta durante seus primeiros anos de atuação como missionário no Brasil. Nela foram sistematizadas as principais variantes linguísticas dos povos indígenas da costa do Brasil, que compartilhavam de um mesmo tronco linguístico, o tupi-guarani. Anchieta cria uma versão da língua tupi que foi estudada e empregada pelos jesuítas durante a missão do Brasil, colaborando para uma homogeneização linguística dos povos da costa (ASSUNÇÃO, 2005).

Figura 2: Arte de Gramática, página 42



Fonte: Biblioteca Brasileira Mndlin

Figura 3: Arte de Gramática, página 43



Fonte: Biblioteca Brasileira Mndlin

Podemos dizer que Anchieta exerceu aquilo que Nida (1964) classificou como equivalência dinâmica. Seus escritos em tupi trouxeram das línguas europeias conceitos que, a princípio, seriam incompreensíveis para os nativos. Diante de suas diferenças, ele criou uma ponte entre as línguas. Esse trabalho, portanto, será de grande importância para a formação da ideia de nação e a cultura brasileira.

No entanto, é perceptível uma falta de conhecimento por parte da população brasileira (aqueles que tiveram acesso ao ensino) sobre como de fato se deu a interação entre os indígenas brasileiros e os colonizadores europeus. Qualquer estudante que se depare com as narrativas do descobrimento do Brasil sente uma profunda curiosidade em entender como povos tão diferentes conseguiram se comunicar e se entender. Na maioria das vezes, a única explicação oferecida pelas instituições escolares está na repressão e exploração econômica exercida pelos colonos, ignorando todo o trabalho de adaptação linguística e cultural realizado especialmente pelos missionários jesuítas. É evidente que situações de perseguição e exploração aconteceram, mas não englobam a totalidade do que foi esse complexo período da história brasileira.

Essa pesquisa, portanto, tem como objetivo geral analisar parte do trabalho dos missionários jesuítas do Brasil como interpretes da língua tupi no desempenho de suas obras catequéticas e sua capacidade de interação entre as culturas e línguas europeia e indígena, especialmente nas obras do Padre José de Anchieta.

Para tanto, desenvolveremos como objetivos específicos, uma breve pesquisa bibliográfica sobre as condições de produções dos textos catequéticos e literários de José de Anchieta, especialmente os escritos na língua tupi e analisaremos trechos de traduções baseados nas teorias de Eugene Nida (1964) e Javier Franco Aixelá (2013). Também serão estudados alguns aspectos da cultura e religião indígena e europeia com suas respectivas características e os efeitos da interação entre ambas no trabalho missionário jesuítico. Por último, concluímos esse trabalho expondo alguns pontos que comprovam a importância dessa obra jesuítica junto aos indígenas para a formação linguística e cultural do Brasil.

2.0 MATERIAIS E MÉTODOS

Esse texto é caracterizado por uma pesquisa bibliográfica qualitativa, através da análise de livros, documentos, teses e outros referentes científicos sobre a atuação dos jesuítas no Brasil no século XVI e sobre a vida e obra de José de Anchieta. Desenvolveremos também uma análise literária de alguns trechos de obras do Padre Anchieta que representam algumas tentativas de interação entre as línguas e culturas indígenas e europeias, consultando análises já produzidas a esse respeito e valendo-se das teorias de Eugene Nida e Javier Franco Aixelá para interpretar as traduções realizadas por Anchieta entre as línguas portuguesa e tupi.

3.0 RESULTADOS

Para desenvolver este trabalho, optamos pela seguinte divisão temática sobre este importante período do Brasil colônia: primeiro exploramos a Companhia de Jesus, o contexto que envolveu sua fundação com Inácio de Loyola. Em seguida vimos a história de um dos seus primeiros membros, o Padre Manoel da Nóbrega, e as influências que os levaram à missão evangelizadora do Brasil.

A parte seguinte é dedicada a José de Anchieta, sua vida, obras e trabalhos. Sendo ele o missionário de maior destaque da missão jesuítica brasileira e o que possui maior número e

complexidade de obras registradas, a ênfase deste trabalho lhe foi predominantemente voltada.

Por fim, foram analisadas algumas obras de caráter catequético de Anchieta. Seus escritos, entre catequeses, teatros e poemas, foram discutidos no quesito linguístico e cultural, quanto à interação entre a língua e a cultura indígena e europeia.

3.1 A Companhia de Jesus e seu fundador Inácio de Loyola

O século XVI foi um período de grandes transformações e eventos que mudariam a história da humanidade. Cristovam Colombo desembarcava na América poucos anos antes da virada do século, o renascimento cultural conquistava a arte e a filosofia e a Reforma Protestante causava o maior cisma que a Igreja Católica já vivera.

Em 1491 nascia Iñigo, posteriormente chamado Inácio, filho dos senhores de Loyola, futuro fundador da Companhia de Jesus, ordem dos missionários de Cristo que marcariam para sempre o destino do Novo Mundo. Iñigo, antes de abraçar sua missão pela cristandade, tornou-se cavaleiro, lutando pelo reino da Espanha contra o francês Carlos V no cerco de Pamplona. (LOYOLA, 2005)

Aconteceu que em meio ao confronto, Iñigo recebeu um terrível ferimento por disparo de artilharia que lhe partiu a perna (LOYOLA, 2005). Enquanto permaneceu acamado, sofrendo ainda muitas dilacerações, dedicou-se a leitura como forma de passar o tempo. Por falta das obras seculares as quais era habituado, deram-lhe uma *Vita Christi* e um livro da vida dos Santos em língua pátria. As reflexões que lhe acometeram a mente por influência dessas obras causavam-lhe curiosas impressões.

Notava, ainda, esta diferença: quando pensava nas coisas do mundo, sentia um grande prazer; mas quando depois de cansado as deixava, sentia-se árido e descontente. E quando pensava em ir a Jerusalém, descalço e comendo só ervas, e em fazer todos os mais rigores que via que os santos tinham feito, não só sentia consolação quando estava nesses pensamentos, mas também depois de os deixar, ficava contente e alegre. (LOYOLA, 2005, p. 31)

Dessa experiência fora impelido a abandonar todos os prazeres humanos, partir para Jerusalém e repetir os feitos dos grandes santos. Nesse mesmo tempo, desenvolveu os “Exercícios Espirituais”³, que serviria como forma de preparação para o combate místico

³ Trata-se de um livro que ensina algumas práticas espirituais. Em seu uso está fundamento o que há de essencial na espiritualidade jesuítica. Segundo Hernandez (2008) os exercícios transportam o indivíduo para um plano onde ele é participante da história de salvação da humanidade. O orante vive um treinamento espiritual para fortalecer sua alma semelhante ao treino que um soldado faz para desenvolver seu corpo.

contra os inimigos de Deus e da Igreja (HERNANDES, 2010). Depois de uma série de contratempos envolvendo perseguições do Santo Ofício e a invasão de Roma por Carlos V, Iñigo foi estudar em Paris, onde recrutou seus primeiros companheiros missionários, entre eles o famoso apóstolo da Índia, Francisco Xavier.

No ano de 1537, em audiência com o Papa Paulo III, os companheiros recebiam a bênção e o dinheiro para sua peregrinação a Jerusalém, mas a cidade santa fora fechada pelos turcos, que cortaram quaisquer relações com os venezianos. Os religiosos se colocaram então à disposição das ordens da Santa Sé, esperando serem enviados para onde o Santo Padre desejasse.

Entre 1538 e 1540, Diogo de Gouveia, reitor do Colégio de Santa Bárbara, onde estudaram os missionários, escreve a Dom João III, rei de Portugal, sugerindo-o que envie seus ex-alunos para converter a Índia.

D. João III escreveu, então em 4 de agosto de 1539, para seu embaixador em Roma, D. Pedro Mascarenhas, para que ele dissesse ao papa que sua intenção, como todos sabiam, era enviar para todas as suas conquistas homens letrados e de bem, para a maior glória de Nosso Senhor. Que ele fora informado por carta, pelo Mestre Gouveia, que haviam partidos de Paris para Roma clérigos de bem e letrados, dispostos a converter infieis. Que esses clérigos haviam dito a Gouveia que estavam sob o mando do Papa. Para ele, então, interceder junto ao Sumo Pontífice, a fim de enviar esses homens para Portugal, para que eles pudessem partir para as terras conquistadas. (HERNANDES, 2010, p. 227)

Em vinte sete de setembro de 1540, foi aprovada a primeira Constituição da Companhia de Jesus, no ano seguinte, Francisco Xavier e Paulo Camerino partiam para a Índia. Assim, nascia e crescia a nova ordem religiosa da Igreja Católica, formada por homens cultos que seriam os maiores educadores e intelectuais do século XVI.

3.2 Padre Manoel da Nóbrega e o início dos trabalhos catequéticos no Brasil

Em 1544, Padre Manuel da Nóbrega entrava para Companhia de Jesus. Atendendo aos pedidos de Dom João III de que fossem enviados missionários jesuítas para o Brasil, Nóbrega parte para o Novo Mundo com mais cinco companheiros. Chega à Bahia no dia 29 de março de 1549, junto com a frota do primeiro governador do Brasil, Tomé de Souza.

Desenvolveu-se então o trabalho de catequizar os povos *brasis*. Nóbrega e seus companheiros conseguiram boas relações com os nativos, exortando-os a abandonar as más práticas e batizando-os, mas de forma alguma conseguiam extinguir os ritos antropofágicos, tão forte era essa tradição para a cultura indígena. Banquetear-se do corpo do inimigo era uma

necessidade moral e espiritual. O rito era complexo e cheio de significados, necessário para vingar os companheiros mortos pelo inimigo e para fortalecer a tribo com seu espírito.

Figura 4: Cenas de Antropofagia no Brasil – Théodore de Bry (1528 – 1598)



Fonte: *Brasiliana Iconográfica*

O alastrar de doenças oriundas da Europa dificultou ainda mais a missão. Por onde passavam os jesuítas, eram vistos como propagadores da peste, os índios temiam que entrassem em suas aldeias, afastando-os com feitiçarias e súplicas.

Uns ao verem os padres tomavam todos os seus haveres e abandonavam as habitações; outros saíam-lhes ao encontro, diziam os jesuítas, tremendo como varas verdes ao soprar do vento, pedindo-lhes que seguissem avante, sem lhes fazer mal e mostrando-lhes o caminho. (SOUTHEY, 1862, p. 359)

Todavia, a superstição dos índios serviu como meio forte de incorporação da religião dos jesuítas. Eles estabeleciam pequenas capelas nas aldeias e construía escolas para as crianças, ensinando-as a catequese na própria língua nativa. Ao serem tratados os enfermos, se recebiam a cura, era logo atribuída a algum milagre. Padre João de Azpilcueta Navarro, um dos pioneiros da missão no Brasil junto ao Padre Manuel da Nóbrega, foi o primeiro a aprender a língua nativa e escreveu o primeiro catecismo em língua tupi. Segundo Southey (1862) era o mais hábil escolástico entre os missionários.

Muito trabalho também tiveram que dispor na conversão dos colonos que há anos estavam no Brasil. Pela falta de clérigos, muitos estavam sem receber sacramento algum desde sua chegada à América. Tinham adotado o habito da poligamia e escravizavam índios. A esses, era negado o sacramento do batismo.

Nóbrega trabalhava assiduamente pela expansão da Companhia de Jesus no Brasil, treinando e educando novos missionários. Recrutava colonos portugueses que sabiam falar bem o tupi, os “bons línguas”⁴, para mediar os seus primeiros contatos com os indígenas e para ensinar tupi aos padres que chegavam à província. Muitos tinham o desejo de serem religiosos, alguns eram admitidos, outros considerados inaptos.

Nóbrega tinha como missão a expansão da Companhia de Jesus, e para recrutar guerreiros, sobretudo aqueles que eram bons línguas e eram conhecidos dos índios, abria mão de regras e leis da Companhia, às vezes até da própria Igreja Católica. (HERNANDES, 2010, p. 230)

O então provincial dos jesuítas no Brasil tinha, além das aspirações espirituais, a preocupação pelas necessidades temporais da Ordem. Teve participação notória em diversas incursões militares, agitando os aliados indígenas conversos a lutarem contra os inimigos da Igreja e da Coroa que por diversas vezes tentaram invadir o Brasil. Como em 1567, participou da expulsão dos huguenotes franceses que se estabeleceram na baía do Rio de Janeiro aliados aos índios tamoios

Em 1559, Padre Manuel da Nóbrega já tinha sido afastado da função de provincial do Brasil. Seu sucessor Luiz da Grã em cartas a Inácio de Loyola questiona diversas atitudes do padre. Segundo Leite (1938) Nóbrega desobedecia ordens da Companhia para conseguir o que queria, o que levou a sua demissão, enquanto Luiz da Grã aparentava ser mais obediente, ainda que menos influente entre as autoridades da Ordem e com o governador do Brasil.

Mesmo afastado do cargo de provincial, Nobrega continuou trabalhando assiduamente para promover a estruturação da missão brasileira. A força que a atuação desses religiosos alcançou em nosso território em muito se deve ao seu empenho em manter bem providas todas as necessidades, tanto físicas quanto espirituais, da Ordem e da colônia.

Após esta apresentação inicial sobre a Companhia de Jesus e seus principais representantes, analisamos a vida e a obra do protagonista desta pesquisa: Padre José de Anchieta.

⁴ Os línguas eram portugueses que já há algum tempo viviam entre os índios, ao ponto de já terem aprendido suas línguas, e que eram empregados como tradutores para mediar as relações entre os missionários e os indígenas. A maior problemática com os “línguas” se dava pelo fato de que muitos estavam distantes dos padrões de comportamentos católicos, dado o longo período de convivência com os índios, o que gerava certa tensão entre os religiosos (GOMES 2016).

3.3 Padre José De Anchieta e seu trabalho de integração cultural

José de Anchieta nasceu em 1534 nas Ilhas Canárias, região que havia sido conquistada pela Espanha ao final do século XV. Sendo seu pai de origem basca, é muito provável que ele falasse essa língua, além do gaunche, língua dos nativos canários (NAVARRO, 1997). Teve seu primeiro contato com o latim na escola dominicana, na qual estudou na própria ilha. Partiu para o colégio Real de Coimbra em 1548.

O também chamado “Colégio das Artes” em Coimbra formava seus alunos com o que existia de mais rebuscado da cultura renascentista. Dessa forma, Anchieta recebeu uma profunda formação humanística, além de se tornar um dos maiores destaques de sua turma no uso do latim.

Em 1550 o Colégio passa por um período turbulento de perseguições do Santo Ofício. Alguns de seus professores são presos e processados por suspeita de envolvimento com o luteranismo. Ao mesmo tempo, os hábitos entre os alunos eram constantemente libertinos. O jovem José, apoiado a fé que recebera de seus pais, ingressa na Companhia de Jesus em 1551, já dotado de grande bagagem intelectual.

Mal tendo completado seus anos de noviciado, Anchieta é acometido por uma doença óssea que interrompe seu processo de estudos. Na esperança de recuperar a saúde, o jesuíta se oferece para ir ao Brasil junto com outros irmãos para auxiliar na missão que se desenvolvia por lá.

Parte de Lisboa no dia 8 de maio e chega à Bahia em 13 de julho de 1553. Já ali, começa a estudar a língua dos nativos da costa do Brasil, o tupi. Chega a São Vicente em 24 de Dezembro do mesmo ano.

Em 1554 Anchieta, junto com o Padre Miguel Paiva e mais 12 irmãos, sobe a Serra do Mar em direção à vila de Piratininga. Lá, eles constroem um pequeno barracão e uma Igreja. Na inauguração desse ajuntamento foi celebrada uma missa no dia 25 de janeiro de 1554, dia em que se celebra a conversão de São Paulo no calendário litúrgico católico. A vila então recebeu o nome de São Paulo, desse local nasceria a maior metrópole do Brasil.

Figura 5: A Fundação de São Paulo – Oscar Pereira da Silva (1865-1939)



Fonte: Centro de Pesquisa e Formação SESC São Paulo

No humilde colégio, Anchieta ensinava língua latina para os novos irmãos jesuítas, muitos dos quais haviam sido anteriormente bons “línguas” (HERNANDES, 2010). Os missionários compreendiam que poderiam alcançar a conversão dos gentis de maneira mais eficaz se comesçassem seus trabalhos pelas crianças. Aos filhos dos nativos era dedicada a maioria dos colégios, que eles mesmos ajudavam a construir, como foi o caso do de São Paulo de Piratininga. Algumas dessas crianças eram treinadas para servirem de tradutores para os missionários, e até mesmo desempenhavam trabalhos catequéticos para com os adultos.

O trabalho dos línguas chegou inclusive a ser empregado no atendimento das confissões sacramentais dos índios, ato que gerou muita polêmica entre membros da Igreja desse mesmo período.

Tão grande foi a importância do estudo da língua tupi para os primeiros jesuítas do Brasil que ela substituiu a obrigatoriedade do grego na grade de estudos dos seminaristas na missão brasileira. Num primeiro momento, esse estudo envolvia exclusivamente a imersão dos irmãos nas tribos e comunidades indígenas, única forma possível de se ter contato com o tupi, já que a língua ainda não havia sido sintetizada de uma forma que possibilitasse o estudo acadêmico.

Segundo Gomes (2016) “A dificuldade inicial residia sobretudo no fato de que, para criar um método para ensinar o idioma, seria necessário desenvolver uma escrita, algo que absolutamente não existia para os índios.”.

Após alguns meses de prática, Anchieta já dominava as principais regras da língua tupi. Em 1555, começa a escrever a “Arte e Gramática da Língua mais falada da Costa do Brasil”. Usando sua perícia na gramática latina, mas ao mesmo tempo reconhecendo as particularidades do tupi, desenvolve um material que serviria para formação de todos os missionários que viriam a aprender a língua nativa. Sua publicação oficial só aconteceria em 1595, mas seus manuscritos já percorriam nas mãos dos jovens estudantes jesuítas e era material imprescindível para sua formação.

Nesse mesmo tempo, Anchieta escrevia o “Diálogo da Fé”, uma de suas principais obras catequéticas. Nele estavam presentes algumas orações cristãs traduzidas para o tupi, como o Pai Nosso, e também a explicação de diversos conceitos da doutrina católica na forma de diálogos, todos escritos em língua nativa. Esses diálogos serviriam como uma espécie de manual para os missionários que fossem ensinar a catequese aos indígenas.

Mesmo com o trabalho intensivo, seja como pregador, enfermeiro ou professor, a saúde de Anchieta só melhorava. Permaneceu em São Paulo até 1562, ano em que a Vila de Piratininga sofreria um ataque de índios caraíbas inimigos dos padres. Alguns índios, influenciados por chefes e feiticeiros, viam neles uma ameaça a sua estabilidade (NAVARRO, 1997). A vila foi defendida por Tibiriçá⁵ aliado às aldeias vizinhas e aos reforços vindos do litoral.

Na Baía de Guanabara, uma ocupação de franceses calvinistas fugitivos da perseguição religiosa da França crescia desde 1555. Mem de Sá, terceiro governador geral do Brasil, liderou uma expedição em 1560 que os expulsou momentaneamente. Em homenagem a esse feito, Anchieta escreve uma epopéia latina chamada “Dos grandes feitos de Mem de Sá”⁶, considerada a primeira obra literária brasileira.

Em 1562 os franceses voltam a ocupar a Baía e formam juntos com os tamoios, seus aliados indígenas, a Confederação dos Tamoios⁷, uma forma de se organizarem contra a presença portuguesa na região. Com o objetivo de conseguirem um tratado de paz, Manuel da Nóbrega e Anchieta viajam para a aldeia dos tamoios de Iperoig, atual Ubatuba.

⁵ Tibiriçá foi o principal líder tupiniquim da região do Planalto de Piratininga. Aceitou o cristianismo, e ao ser batizado, tomou o nome cristão de Martim Afonso. Participou diretamente da fundação do Colégio de São Paulo de Piratininga, local de onde se originou a atual cidade de São Paulo, e desempenhou um papel fundamental na defesa da aldeia na Guerra de Piratininga, quando índios que se opuseram aos padres atacaram seu povoamento (GODOY, 2015).

⁶ Título original: *De Gestis Mendi de Saa, A Saga de Mem de Sá*. “O longo poema épico, escrito em latim, trata dos grandes feitos de Mem de Sá, governador geral do Brasil. Sua missão é, basicamente, colonizadora: enfrenta os índios inimigos e a ocupação francesa, no Rio de Janeiro” (POSSEBON, 2007, p. 4).

⁷ Foi uma aliança entre os índios que viviam desde o Cabo Frio até a Bertioga. Segundo Navarro (1997), depois que Mem de Sá voltou para a Bahia, os franceses passaram a instigar os índios tamoios a se juntarem contra os portugueses, levando-os a criação da Confederação dos Tamoios.

Dois chefes tamoios deveriam partir para São Vicente onde negociariam um tratado de paz com os líderes portugueses, enquanto isso, os dois jesuítas permaneceriam na aldeia como reféns.

A negociação demorou sete meses. Nóbrega retornou para São Vicente, deixando o irmão Anchieta sozinho entre os índios hostis. Como forma de manter sua sanidade diante das tentações impostas pelos seus carcereiros, o jesuíta começa a escrever nas areias da praia um poema à Virgem Maria, o mais longo já conhecido. Foram quase 5.800 versos metrificados escritos em língua latina que Anchieta decorou um por um, até que pudesse transcrevê-los para o papel em 1564, quando já havia retornado a São Vicente.

A paz alcançada com os Tamoios dura pouco e os franceses continuam a se organizar, formando alianças com tribos inimigas. Mem de Sá envia seu sobrinho, Estácio de Sá para liderar uma nova expedição contra os franceses. Anchieta e Nóbrega recrutam numerosos voluntários para a guerra.

Em 1565 o jesuíta viaja para Bahia a fim de transmitir atualizações sobre o conflito ao governador-geral do Brasil. Permanece ali durante um ano e meio estudando teologia. Em 1566 aos 32 anos de idade, Anchieta é ordenado sacerdote. Retorna para a guerra logo em seguida na esquadra de Mem de Sá, que viria para ajudar seu sobrinho.

No dia 20 de janeiro de 1567, dia de São Sebastião, é feito o ataque decisivo contra os franceses na Baía de Guanabara, o que desencadearia a derrota definitiva dos invasores calvinistas. Em torno desses acontecimentos é que cresce o núcleo populacional que viria a se tornar a cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, Anchieta participou diretamente da formação das duas maiores metrópoles do Brasil.

Com o término das tensões militares, o jesuíta é então nomeado superior de São Vicente e de São Paulo de Piratininga. Padre Manuel da Nóbrega morre em 1570, levando Anchieta a assumir a reitoria do colégio do Rio de Janeiro, o mais importante até aquele momento para o Brasil. Para José, os anos seguintes foram de constante transição entre São Paulo e o Rio de Janeiro, empenhado em trabalhos apostólicos.

Em 1577 recebe o cargo de provincial da Companhia de Jesus no Brasil, permanecendo no mesmo até 1587. Foi um período de intensos trabalhos, percorrendo todo o leste do país, pastoreando as casas jesuíticas, resolvendo problemas e fundando e reorganizando aldeias.

Foram nesses anos que Anchieta escreveu alguns de seus autos mais famosos como “Auto de São Lourenço”⁸ e “Na Aldeia de Guaraparim”⁹. Eram obras destinadas a catequizar indígenas e colonos.

Com cinquenta anos de idade, Anchieta deixa o cargo de provincial em 1588, em razão de sua complicada situação de saúde. Permanece no Espírito Santo até 1592, quando é enviado pelo novo provincial a visitar as casas jesuíticas do Rio de Janeiro e de São Vicente.

Retorna para Rerityba, no Espírito Santo, em 1596, onde permanece até sua morte em 9 de junho de 1597. Seu corpo foi transladado para Vitória num cortejo de três mil índios por um percurso de 100 quilômetros (NAVARRO, 1997).

4.0 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo, o principal da nossa pesquisa, analisa os trechos das obras de José de Anchieta, caracterizando elementos de interação transcultural entre indígenas e portugueses. Ainda como parte da versão final, apresentamos agora uma breve explicação sobre a teoria de Eugene Nida (1914-2011) e Javier Aixelá, seguida pela análise de alguns trechos de uma tradução composta por José de Anchieta onde elementos da cosmologia cristã são transferidos para a língua tupi.

4.1 Breve explicação sobre a teoria de Eugene Nida a respeito da Equivalência Dinâmica e sua aplicabilidade para as obras de Anchieta.

Eugene Nida (1914-2011) foi um renomado linguista cujo maior trabalho se deu no desenvolvimento de um método que auxiliasse os tradutores a desenvolverem traduções bíblicas cuja linguagem fosse mais acessível.

Nida compreendia que, para uma tradução ser eficiente, ela deveria respeitar mais o conteúdo da mensagem do que a forma em si. Para as traduções bíblicas, era muito mais

⁸ Esse auto foi apresentado pela primeira vez em 1587 no adro da capela de São Lourenço, local que foi o núcleo primitivo da cidade de Niterói. A peça mostra o martírio do santo que dá nome a obra e uma narrativa fantástico na qual três demônios tentam destruir uma aldeia, mas são defendidos por anjos e por santos (NAVARRO, 2006, p. 11).

⁹ É o mais longo teatro escrito por Anchieta em língua tupi. Há indícios de que ele tenha sido apresentado pela primeira vez no ano de 1585 na aldeia de Guaraparim. O enredo narra a história de um índio converso que, ao morrer, se encontra com três diabos que tentam arrastá-lo para o inferno. A alma, então, resiste às artimanhas demoníacas, apoiando-se no perdão de Deus que recebera por meio dos sacramentos. Ao final, um anjo o salva e o leva ao paraíso (NAVARRO, 2006, p. 14).

válido que o texto traduzido fosse transcrito de tal forma que os conceitos presentes no original pudessem ser facilmente assimilados pelo leitor da tradução, mesmo que, para isso, ocorressem alterações na estrutura da escrita. A esse método, o autor chamou de Equivalência Dinâmica.

Machado (2004) explica esse conceito da seguinte forma:

A teoria da tradução expressiva (ou receptiva) que se define como “equivalência dinâmica”, se apresenta quando, na intenção do tradutor, o dominante do metatexto coincide com a expressividade do original. O tradutor postula a reação natural do leitor-modelo ante o original e, com esta reação hipotética em mente, produz um texto que, ao menos em teoria, gerará o mesmo tipo de reação no leitor-modelo do metatexto.

Levando em consideração as ideias supracitadas, podemos dizer que José de Anchieta tinha a intenção de gerar traduções expressivas ao traduzir textos com temática e dogmática católica para a língua tupi. O missionário queria reproduzir nos indígenas brasileiros os mesmos efeitos de conversão e adesão à doutrina católica que uma pessoa que já conhece a língua original dos textos poderia ter ao lê-los ou escutá-los.

Para isso, era necessário levar em consideração as grandes diferenças existentes tanto na língua quando na cultura de chegada da mensagem traduzida. Existiam conceitos dentro do imaginário católico que eram totalmente diferentes da forma como os indígenas concebiam o mundo, como a idéia de pecado, céu, inferno, anjo, diabo etc.

No intuito de sanar essas divergências e fazer com que o cristianismo fosse mais compreensível aos nativos, Anchieta se utilizou de elementos que já estavam presentes no imaginário indígena, cujas significações apresentavam certa semelhança com conceitos católicos, para que o conteúdo da mensagem se tornasse o mais próximo possível da original e assim pudesse ser assimilada pelos novos ouvintes.

4.2. Pequeno apontamento sobre a tradução de Itens Culturais Específicos segundo Aixelá e sua relação com as traduções tupis de Anchieta.

Javier Franco Aixelá é professor na Universidade de Alicante, Espanha. Trabalha no Departamento de Tradução e Interpretação, dedicando-se especialmente à tradução do inglês-espanhol e às áreas da história da tradução e influência da cultura na tradução.

Com base em seus estudos sobre a teoria da tradução e as problemáticas envolvendo a influência da cultura nos processos tradutológicos, Aixelá desenvolveu o conceito de Item Cultural Específico, também conhecido pela sigla ICE. O autor os define da seguinte forma:

Os itens culturais específicos são geralmente expressados em um texto por meio de objetos e sistemas de classificação e medida, cujos usos estão restritos à cultura fonte, ou por meio da transcrição de opiniões e descrição de hábitos igualmente desconhecidos pela cultura alvo. (AIXELÁ, 2013, p. 190)

Em linhas gerais, um Item Cultural Específico aparece quando existe uma divergência muito grande entre a cultura fonte do texto de partida e a cultura alvo do texto de chegada. Quanto mais distante as duas culturas são, mais difícil se torna encontrar conceitos equivalentes entre uma língua e outra.

Por exemplo, se formos traduzir termos cristãos entre duas línguas cujas culturas já estiveram historicamente influenciadas pelo cristianismo, as línguas naturalmente já terão termos equivalentes para classificar conceitos comuns ao imaginário cristão. É o que aconteceria, por exemplo, ao traduzirmos a palavra anjo, em português, para *angel*, em inglês. O conceito de “anjo” está presente tanto na tradição lusa quanto na anglo-saxônica, o que não gera dificuldades para tradução.

No entanto, se compararmos a língua e cultura tupi em contraste com a portuguesa, veremos que essa problemática se potencializa ao extremo, já que tratam-se de povos cujas tradições nunca se relacionaram anteriormente, fazendo com que as referências pragmáticas de cada um sejam radicalmente distintas. Como explica Aixelá (2013, p.192):

Um ICE não existe por si só, mas como resultado de um conflito vindo de qualquer referência representada linguisticamente em um texto fonte que, quando transferido para a língua alvo, constitui um problema de tradução em virtude da inexistência ou do diferente valor (tanto determinado pela ideologia, uso, frequência, etc.) do item dado na cultura da língua alvo.

Portanto, para que suas obras e ações catequéticas pudessem alcançar o efeito esperado entre os índios, foi necessária uma intensiva imersão na cultura desses povos tribais, tanto lingüística quanto cultural. Somente com uma boa compreensão de como era a cosmologia indígena é que Anchieta poderia transpor os conceitos espirituais da fé católica aos nativos, tendo em vista que eles recorreriam aos referenciais de suas próprias crenças e tradições para interpretar os ensinamentos cristãos.

A seguir, analisamos algumas decisões tradutológicas adotadas por Anchieta ao transpor certas imagens da fé católica para a língua dos índios, assim como o efeito que talvez fosse esperado alcançar entre eles. Também refletimos brevemente sobre os problemas que podem ter se decorrido pela confusão que a associação de algumas palavras gerava na compreensão dos nativos.

4.3. A interação transcultural linguística e literária em *In Extremis* do “Catecismo Brasília”.

O trecho analisado em seguida foi retirado do “Catecismo Brasília”. Trata-se de uma oração que deveria ser recitada pelos padres ao ministrarem o sacramento do batismo a índios doentes de saúde, próximos do momento da morte. O padre dirigia uma fórmula de profissão de fé, que era respondida pelo índio como um ato de contrição e adesão de credo, o que deveria garantir a salvação de sua alma.

Em introdução ao texto *In Extremis* da edição do “Catecismo Brasília” publicada pela Edições Loyola em 1992, encontra-se a seguinte nota:

A instrução para “*in extremis*” foi um dos primeiros escritos tupis de Anchieta, devido à necessidade de ajudar os missionários no atendimento aos índios moribundos, caso freqüente e urgente, pois o batismo se diferia para os velhos índios, enquanto não conseguissem viver cristãmente. (ANCHIETA, 1992, p. 132)

Como foi descrito anteriormente, nossa análise foi direcionada ao tratamento dos Itens Culturais Específicos presentes no texto e o tratamento que Anchieta teve ao transferi-los para língua tupi. O critério utilizado para seleção dos trechos se deu pela riqueza em ICEs cujos distanciamentos entre o europeu e o indígena fossem mais evidentes.

Seguem os trechos selecionados para esse fim:

Figura 6: *In Extremis* parágrafo 1 – José de Anchieta

- | | |
|--|---|
| 1. Tupã añó mbaéeté,
aé jandé moñangáramo,
mbaé tetiruã moñangáramo sekóu.
P. Ereroblákatúpe nde pyápe?
R. Arobiár. | 1. Só Deus é coisa grande,
é o nosso criador,
é o criador de todas as coisas.
P. Tu crês firmemente em teu
coração?
R. Eu crelo. |
|--|---|

Fonte: Doutrina Cristã, Catecismo Brasília

O primeiro destaque se dá no emprego do substantivo *Tupã* como equivalente de *Deus*. Dentro do imaginário tupi, *Tupã* era uma divindade associada aos trovões, mas que não possuía a mesma magnitude e grau de onipotência do Deus cristão. Como explica Paulo Edson Filho “*Tupã*, segundo a mitologia apapocuva, personifica o trovão e, como Unkel observa, é uma entidade de magnitude secundária.” (2007, p. 99).

Sobre as motivações que levaram os jesuítas a utilizarem esse nome para representar Deus, o autor também cita que “*Métraux* classifica a tradução de *Deus* por *Tupã* feita pelos

missionários como uma ‘bizarra associação’ e aventura a hipótese de que essa relação devia-se ao fato de tanto *Deus* como *Tupã* residirem no céu.” (FILHO, 2007, p. 99).

Os referentes presentes do imaginário tupi eram muito diferentes dos que compunham o imaginário europeu. Assim sendo, a língua tupi carecia de termos que pudessem representar adequadamente certas idéias que estão presentes na tradição cristã, o que justifica a escolha de termos minimamente semelhantes para essa representação. No caso do emprego do nome *Tupã*, era possível fazer uma associação de que Deus era um ser que habitava um mundo superior, o céu, para daí talvez conseguir lhes inculcar a idéia de um universo espiritual de acordo com os parâmetros cristãos, já que para os índios, não existia uma diferenciação tão significativa entre o mundo natural e o sobrenatural.

Vamos seguir para o segundo trecho em análise:

Figura 7: *In Extremis* parágrafo 2 – José de Anchieta

- | | |
|--|---|
| <p>2. Tupã aé imongarabipyrangaturáma
oerasó ybákype aujerámañéne.
Aé imongarabipyreýma oimondó
añánga ratápe aujerámañéne;
serókipýra iangaipábae abé
añánga ratápe seitykine.
P. Ereroblárpe?
R. Aroblár.</p> | <p>2. O mesmo Deus aos batizados que
foram bons os levará para o céu
para sempre. Mas aos não batiza-
dos, os mandará ao fogo do diabo
para sempre; e aos batizados que
foram pecadores também
os lançará ao fogo do diabo.
P. Tu crês?
R. Eu creio.</p> |
|--|---|

Fonte: Doutrina Cristã, Catecismo Brasílico

Agora destacamos o substantivo *añánga*, que também pode ser escrito como *anhanga* que foi empregado para representar o diabo. Filho (2007, p. 100) descreve essa entidade da seguinte forma:

Anhanga, escolhido como a concepção de demônio na literatura jesuítica no Brasil, era o protetor da selva e dos animais e tinha destreza e força sobrenaturais. Anchieta e os missionários possivelmente optaram por esse elemento, mais pelo medo que *Anhanga* impunha sobre os nativos do que pela sua essência “diabólica”.

Filho também explica em sua pesquisa que a idéia de “bem” e “mal” para os nativos não possuía a mesma conotação que portugueses empregavam, “as divindades dos nativos eram relativamente neutras, nem boas nem más. Elas são se encaixavam na visão dialógica do universo na qual formas opostas eram vistas como recíprocas e complementares.” (FILHO, 2007, p. 100).

Portanto, reconhecer o papel do diabo nas vidas humanas é uma tarefa quase impossível para pessoas cujo imaginário não está perpassado pelo conflito espiritual que

existe entre o bem e o mal. Transmitir essa experiência aos índios se configurou em um dos maiores esforços recorrentes na literatura jesuíta. A evocação de imagens que geram medo e repugnância aos indígenas, seguidas da associação desses elementos às obras do diabo, foi o método mais eficaz encontrada pelos missionários para ensiná-los o zelo espiritual do catolicismo. Mesmo que *anhangá* não represente o mesmo tipo de ser que o diabo representa aos católicos, a busca de referenciais dentro do universo tupi para traduzir conceitos típicos da cosmologia europeia é mais um caso de transculturação que os jesuítas acabaram por proporcionar durante o contato com os indígenas.

A seguir, vamos analisar outra situação em que uma decisão bem diferente foi tomada pelo autor:

Figura 8: *In Extremis* parágrafo 2 – José de Anchieta

- | | |
|--|---|
| <p>3. Ojepé aé Tupã,
mosapy abáramo oikóbobé:
Túba, Taýra, Espírito Santo jábamo.</p> | <p>3. É um só esse Deus,
sendo também três pessoas:
chamadas Pai, Filho, Espírito Santo.</p> |
|--|---|

Fonte: Doutrina Cristã, Catecismo Brasílico

Nesse parágrafo, Anchieta opta por não traduzir “Espírito Santo” para a língua tupi. Das Três Pessoas da Santíssima Trindade, o Espírito Santo com certeza é aquele cuja conceituação é a mais abstrata de todas. Diferentemente do Pai e do Filho, a sua divindade só foi plenamente reconhecido pela Igreja em 381 d.C. no Concílio de Constantinopla, quase quatro séculos após a vinda de Cristo ao mundo.

A respeito da Terceira Pessoa da Trindade, Basílio de Cesareia, grande defensor da divindade do Espírito e um dos principais Padres a atuaram nas discussões do Concílio de Constantinopla, faz a seguinte observação:

Quem ouve falar em Espírito não deve imaginar uma natureza circunscrita, ou sujeita a mudança e alteração, em tudo semelhante a uma criatura. Mas, quem eleva o pensamento ao ser mais sublime, necessariamente terá em mente uma substância inteligente, de poder infinito, grandeza ilimitada, fora do tempo e dos séculos, em nada ciosa de seus próprios bens.”. (CESARÉIA, 2014)

Esse pequeno acerto, retirado das longas e complexas argumentações apresentadas por Basílio, proporciona uma breve ilustração a respeito do grau de complexidade e esforço que a compreensão da pessoa do Espírito Santo exige dos fiéis.

Como já fora citado anteriormente, dentro do imaginário indígena não existiam distinções tão abrangentes entre o mundo material e o espiritual, como as que ocorrem no cristianismo. Os acontecimentos míticos e naturais acontecem dentro de uma esfera semelhante de realidade. Um mito que nos traz indícios sobre essa cosmologia é a crença da

“Terra sem Mal” (UNKEL, 1987), uma espécie de paraíso terrestre cuja localização estaria nesse mesmo mundo, e não em um espaço transcendental como é o paraíso cristão.

Dessa forma, Anchieta opta por manter o estrangeirismo do termo. Tal decisão pode significar a expectativa de que, após o processo de transculturação, os indígenas fossem capazes de assimilar essa idéia de “Espírito”. Ao mesmo tempo, a conservação do termo original também leva a interpretação de que o zelo pelo mistério divino que envolve essa Pessoa poderia ser maculado se fossem utilizados termos do léxico tupi. Uma possível diminuição do significado original seria quase inevitável, portanto, a não-tradução do termo proporcionaria o convite ao aprendizado de uma nova realidade, que pouco se assemelhava ao que já era por eles conhecido e que não deveria ser assim confundida.

4.4. A interação transcultural linguística e literária no poema *Dança*.

Para caracterizar a interação transcultural linguística e literária apresentamos aqui os resultados de uma análise literária realizada de um poema de José de Anchieta intitulado *Dança*, originalmente escrito em língua tupi e posteriormente traduzido para o português.

Pretendemos demonstrar com essa obra um pouco a respeito da forma como Anchieta soube sistematizar o tupi, ao ponto de desenvolver poemas com ritmo e métrica tradicionais nessa língua. Também destacamos como o jesuíta manipulou aspectos da cultura e tradição indígena para transmitir o cristianismo por meio deles, explorando aspectos míticos e lúdicos que eram de suma importância para cosmologia indígena. Para tal, nos utilizamos da escansão feita por Mistieri (2010).

Segue o poema em sua versão original tupi e em português:

Figura 9: *Dança*: versos 1 a 12 – José de Anchieta

14 DANÇA	14 DANÇA
1. Kó oro-ikó oro-poraséia, nde moetébo, Tupã sy. E-ma'è kó taba ri, oré 'anga poxy r-eia.	1. Eis que aqui estamos dançando para te honrar, mãe de Deus. Olha para esta aldeia, lavando a maldade de nossa alma.
5. Nde r-esé oro-ie-robã, oro-ie-kok nde r-esé. Oré r-aúsubá iepé, nde membyr-amo oré r-á,	5. Em ti confiamos, apoiamo-nos em ti. Tem compaixão de nós, tomando-nos como teus filhos.
9. Nde irû-namo oro-ikó-potá, oro-i-monhang nde r-ok-ûama. E-s-arô oré r-etama, s-apekôbo, s-aúsubá.	9. Contigo querendo estar, fazemos tua futura casa. Guarda nossa terra, freqüentando-a, dela [compadecendo-se.

Fonte: Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi, p. 172 - 173

Figura 10: *Dança*: versos 13 a 24 – José de Anchieta

<p>13. Nde pó gûyr-y-pe oro-îkó, nde r-esé oro-îe-koka. E-îori oré mong-oka¹⁰¹, Tupã pyr-i t'oro-só.</p>	<p>13. Sob tuas mãos estamos, em ti apoiando-nos. Vem para nos arrancar o visgo para que vamos junto de Deus.</p>
<p>17. S-ory pabê nde boiã, nde 'ara moeté-katû-abo, t-ekó-pûera moasy-abo, ndébo o-nhe-me'enga mbá.</p>	<p>17. Estão alegres todos os teus súditos, teu dia honrando muito, da vida antiga arrependendo-se, a ti entregando-se todos.</p>
<p>21. Oro-î-momburu anhangá, nde nhô nde r-apiar-etébo. Kó oro-îkó oro-îerurébo: "E-î-pysyrô oré 'anga!"</p>	<p>21. Amaldiçoamos o diabo, a ti somente obedecendo muito. Eis que aqui estamos pedindo: "Liberta nossa alma!"</p>

Fonte: Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi, p. 174 - 175

Figura 11: *Dança*: versos 25 a 36 – José de Anchieta

<p>25. Nde r-era r-endupa abé, anhangá-ryryiã o-só-ápa. E-îori muru mombapa, t'oré moaúie umê.</p>	<p>25. Tão logo ouvindo teu nome, o diabo, tremendo, vai [completamente. Vem para esmagar o maldito, para que não nos vença.</p>
<p>29. N'i apor-i oré sumará îepinhê oré r-a'anga. E-îori i moporará-a'anga, t'oro-îtyk s-ekó-memûã.</p>	<p>29. Não desiste nosso inimigo de sempre nos tentar. Vem para fazê-lo experimentar [o sofrimento para que lancemos fora sua lei má.</p>
<p>33. E-î-moingó-puku-katu kó taba Tupã r-esé. Ybytyr-ygûara béc, oré pyr-i t'ere-ru.</p>	<p>33. Faze estar muito longamente esta aldeia em Deus. Os habitantes das montanhas [também, que os tragas para junto de nós</p>

Fonte: Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi, p. 174 - 175

Figura 12: *Dança*: versos 37 a 40 – José de Anchieta

<p>37. E-ru para'ib-ygûara oré r-etama irumô-mo. Ta s-etã nde r-aûsup-ara, nde r-esê o-îe-pysyrô-mo.</p>	<p>37. Traze os habitantes do Paraíba para aumentar nossa terra. Que sejam muitos os que te amam, por tua causa salvando-se.</p>
--	--

Fonte: Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi, p. 176 - 177

Citamos a seguir, a escansão feita por Mistieri (2010) desse mesmo poema para que possamos constatar melhor a métrica e a sonoridade da obra:

Ko o / roi / ko o / ro / po / ra / sé / **ia**

Nde / moe / te / bo / Tu / pan / sy /

E / ma / ã / ko / ta / ba / ri /

O / re / an / ga / po / xy / ré / **ia**

Nde / re / se / o / ro / je / ro / biá /

O / ro / je / ko(k) n / de / re / sé /

O / re / rau / su / ba / je / pé /

Nde / mem / by / ra / mo o / re / **ra** /

Nde i / ru / na / mo o / roi / ko / po / tá / ¹⁰

O / roi / mo / nhan(g) n / de / ro / ko / á / **ma**

E / sa / rō / o / re / re / tá / **ma**

sa / pe / ko / bo / sau / su / **ba** /

Nde / po / guy / ri / pe o / roi / kó /

Nde / re / se / o / ro / je / kó / **ka**

E / jo / ri / o / re / man / gó / **ka**

Tu / pã / py / ri / to / ro / só /

So / ry / pa / bẽ n / de / bo / já /

Nde / a / ra / moe / te / ka / tuá / **bo**,

Te / ko / poe / ra / moa / sy / á / **bo**

Nde / bo / o / nhe / me / en / gá / **bo**

O / roi / mom / bu / ru / a / nhán / **ga**

Nde / nho n / de / ra / pia / re / té / **bo**

Ko o / roi / ko / o / re / je / rué / **bo**:

“Ei / py / sy / rō / o / re / án / **ga**”

Nde / re / ra / ren / du / pa / be /

A / nhan / ga / ry / ry / o / soá / **pa**

E / jo / ri / um / ru / mom / bá / **pa**

To / re / mō / au / je / u / mé /

Ndia / po / ri o / re / su / ma / rã /

Je / pi / nhe / o / re / ra / án / **ga**

E / jo / ri i / mo / po / ra / án / **ga**

To / roy / ty / (k) se / ko / me / mo / ã /

Ei / moin / go / pu / ku / ka / tú /

Ko / ta / ba / Tu / pã / re / sé /

Y / by / ty / ri / gua / ra / be /

O / re / py / ri / te / re / rú /

E / ru / pa / ra / i / bi / guá / **ra**

O / re / re / ta / ma i / ru / mó / **mo**

Ta / se / tá n / de / rau / su / pá / **ra**

Nde / re / se o / je / py / sy / ró / **mo**

¹⁰ “Neste verso há novamente uma quebra da métrica – até então todos os versos eram heptassílabos – com a presença de um verso octossílabo.” (MISTIERI, 2010)

O poema é constituído por 10 estrofes com 4 versos em cada uma. Os versos possuem majoritariamente 7 sílabas poéticas, com exceção de alguns versos que possuem 6 sílabas. Aos versos de 7 é dado o nome de redondilha maior, um formatura que foi muito utilizado na tradição literária portuguesa para escrita de cantigas, especialmente entre os trovadores (RIGONATTO, s.d.). As rimas ocorrem no formato ABBA, com exceção apenas da quinta e da décima estrofe (respectivamente: ABBB e ABAB).

Podemos notar o quão precisa foi a gramatização que Anchieta executou na língua tupi pela rigorosidade de sua produção poética. A tradição oral indígena já era repleta de musicalidades e cantigas, mas as formas da poesia europeia eram totalmente desconhecidas para os índios. Anchieta não só traduziu os conceitos europeus aos nativos, mas também replicou suas formas tradicionais na língua tupi.

Também é notável nesta obra a apropriação de alguns elementos das tradições indígenas para transmissão do dogma cristão, como o uso de danças em forma de rituais para espantar demônios e atrair as bênçãos divinas. O próprio título do poema parece induzir que esse texto deveria ser empregado como uma espécie de prece em forma de cantiga a ser recitado durante uma dança, o que se constituía uma prática muito comum às culturas indígenas.

A respeito dessa apropriação para fins catequéticos, Padre Manuel da Nóbrega escreve ao Padre Simões Rodrigues:

Se nos abraçarmos com alguns costumes deste gentio, os quais não são contra nossa fee catholica, nem são ritos dedicados a ídolos, como lhe cantar cantigas de Nosso Senhor em sua lingua pello toom e tanger seus estromentos de musica que elles [usam] em suas festas quando matao contrairos e quando andao bêbados; e isto pêra os atrahir a deixarem os outros costumes esentiais (NÓBREGA, 1886)

Ao mesmo tempo em que essa postura jesuítica possibilitou uma certa abertura aos missionários para se inserirem na cultural indígena, ela colaborou para criação de uma nova concepção religiosa entre os nativos que não representava exatamente o que os padres planejavam construir. Como bem apontou Paulo Edson Filho (2018), o que se formou entre os índios não era o catolicismo europeu e nem o antigo xamanismo indígena. O cristianismo tupi se constitui como uma fé cheia de medos e superstições, sendo os padres reconhecidos como os novos xamã e os sacramentos da Igreja encarados como novas formas de feitiçaria.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos este trabalho podemos considerar que os jesuítas realizaram um considerável trabalho de transculturação ao desenvolverem uma língua por meio da qual pudessem se comunicar com os indígenas, a variação do tupi apresentado por Anchieta na “Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil”.

Passando por uma breve análise histórica dos eventos que ocasionaram a vinda dos jesuítas ao Brasil e a forma como atuaram durante a missão brasileira, constatamos um grau significativo de preocupação dos mesmos em aprender e ensinar a língua nativa. Refletimos também sobre como José de Anchieta explorou aspectos da cosmologia indígena para traduzir conceitos cristãos aos nativos.

Como resultado de algumas análises literárias das obras de José de Anchieta que nós selecionamos para esse fim, relatamos a forma como o jesuíta se utilizou de tradições indígenas para tornar mais atraente e compreensível a mensagem cristã, como o uso de narrativas míticas, musicalidade e de danças.

Esse trabalho colabora para compressão desse complexo período da história brasileira. Não descartamos as tragédias que acometeram os índios do Brasil colonial, como guerras, doenças e massacres, mas destacamos que, em meio a esses eventos, alguns jesuítas se empenharam em construir vínculos com os indígenas, mesmo que essa interação fosse impulsionada por ideais colonizadores de cristianização.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, José de. **Doutrina Cristã: Catecismo brasílico**. Edições Loyola, 1992.
- ANCHIETA, José de. **Poemas: Lírica Portuguesa e Tupi**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FILHO, Paulo Edson Alves. **Tradução e sincretismo nas obras de José de Anchieta**. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- AIXELÁ, Javier Franco. **Itens Culturais Específicos em Tradução**. Trad. Mayara Matsu Marinho; Roseni Silva. In: Traduções. Florianópolis, v. 5, nº. 8 (2013), pp. 185- 218.
- ASSUNÇÃO, Carlos; FONSECA, M. de C. A arte de Grammatica da Lingoa mais usada na costa do Brasil, de José de Anchieta, no quadro da gramaticalização de vernáculos europeus. **Estudos em homenagem ao professor doutor Mário Vilela**, p. 161-175, 2005
- CESARÉIA, Basílio de. **Basílio de Cesaréia: Homilia sobre Lucas 12. Homilias sobre a origem do homem. Tratado sobre o Espírito Santo**. São Paulo: Paulus, 2014.
- FURLAN, Vinicius. **Educação e catequese no teatro anchietano**. Tese (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, p. 65. 2013.
- GODOY, Silvana Alves de. **Martim Afonso Tibiriçá. A Nobreza Indígena e Seus Descendentes nos Campos de Piratininga no Século XVI**. Recôncavo: Revista de História da UNIABEU 4.7 (2015): 191-212.
- GOMES, Sandro. **Os “línguas”, os primeiros tradutores do Brasil**. Appai. Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2016. Disponível em <<https://www.appai.org.br/os-linguas-os-primeiros-tradutores-do-brasil/>> Acesso em: 06 de fevereiro de 2021
- HERNANDES, Paulo Romualdo. **A Companhia de Jesus no século XVI e o Brasil**. Revista HISTEDBR On-line, v. 10, n. 40, p. 222-244, 2010.
- HERNANDES, Paulo Romualdo. **Os exercícios espirituais da Companhia de Jesus e a educação**. Revista HISTEDBR [online], Campinas, n. 30, p. 292-312, 2008.
- LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**, 1938.
- LOYOLA, Inácio de. **Autobiografia de Santo Inácio de Loyola**. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2005.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. **Anchieta: Vida e Pensamentos. Cursos de Tupi Antigo e Língua Geral (Nheengatu)**.1997. Web. 30 March 2014. <<http://tupi.fflch.usp.br/node/36>>
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Introdução para **José de Anchieta Teatro**, de ANCHIETA, José de, 2ª ed., São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 2006.

NAVARRO, Eduardo. **O século XVI e sua problemática lingüística**. SOLETRAS, Ano V, Nº 10. São Gonçalo: UERJ, jul./dez.2005

NIDA, E. **Toward a science of translating**. Leiden: E. J. Brill, 1964

NÓBREGA, Manuel da. **Cartas do Brasil: 1549-1560**. Imprensa nacional, 1886.

MACHADO, Dilma. **Resenha 3**: Texto: "Equivalência formal vs equivalência dinâmica: O modelo de Nida". BARBOSA, H. G. – Procedimentos teóricos da tradução. Campinas Pontes, 1990. 2004. 2. Depto. de Letras & CCE – PUC, Rio de Janeiro,

MARINHO, Mayara Matsu; SILVA, Roseni. " Itens culturais-específicos em tradução", de Javier Franxo Aixelá. **In-Traduções Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC**, v. 5, n. 8, p. 185-218, 2013.

MISTIERI, Fernanda Regina. **O acento em tupi antigo**. 2010. 67 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Letras) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/120003>>. Acesso em: 24 de agosto de 2021

POSSEBON, Fabricio. **O épico De Gestis Mendi de Saa (A Saga de Mem de Sá) de José de Anchieta**. 2007. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Paraíba.

RIGONATTO, Mariana. "O que é redondilha?"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-redondilha.htm>. Acesso em 21 de outubro de 2021.

SOUTHEY, Robert. **Historia do Brazil** (Volume 1). 1862.

UNKEL, Curt Nimuendaju. **As Lendas da Criação e Destruição do Mundo**. São Paulo, Ed Hucitel – Edusp, 1987.